

Resumo do Mercado

- As ações dos EUA fecharam a semana em alta, apesar da sexta-feira de resultados diversos. Na semana, o S&P 500 avançou 3,56%, o Nasdaq subiu 4,68%, o Dow Jones ganhou 3,04% e o Russell 2000 somou 3,97%. Todos os quatro índices registraram fortes recuperações semanais.
- As bolsas europeias também se firmaram, impulsionadas pelo otimismo cauteloso com as negociações de paz no Oriente Médio. O Euro STOXX 50 avançou 3,37% na semana. O FTSE 100 também fechou em alta, marcando sua terceira semana positiva consecutiva e terminando a sexta-feira em 10.600,53.
- Os rendimentos dos títulos do tesouro dos EUA subiram levemente na semana. Os mercados seguiram avaliando a pressão inflacionária da guerra, os altos custos de energia e o cenário menos favorável a cortes de juros. O rendimento do título de 10 anos fechou perto de 4,34% na sexta-feira.
- O petróleo WTI fechou perto de US\$ 96,19 o barril. O ouro terminou em torno de US\$ 4.749 a onça e a prata perto de US\$ 75,90. Na semana, o petróleo despencou 13,64%, reagindo ao cessar-fogo entre EUA e Irã, enquanto o ouro e a prata subiram 1,56% e 3,97%, respectivamente.
- A volatilidade caiu na semana, com a estabilização das bolsas após os fortes movimentos do fim de março. Contudo, a busca por proteção seguiu sensível ao noticiário geopolítico. O VIX fechou em 19,23 na sexta-feira, uma queda expressiva frente aos 31,05 de duas semanas antes.
- Os fundos de ações globais captaram US\$ 23,47 bilhões líquidos na semana até 8 de abril, sendo US\$ 9,76 bilhões em fundos dos EUA. Os fundos globais de renda fixa receberam US\$ 13,87 bilhões, e os fundos de mercado monetário registraram entradas de US\$ 72,05 bilhões, sugerindo que os investidores aumentaram sua exposição ao risco.

Instantâneo de Dados do Mercado

Índice	Valor	WTD	1 mês	YTD
Dow Jones Industrial	47,916.57	3.04%	0.44%	-0.31%
S&P 500	6,816.89	3.56%	0.52%	-0.42%
Nasdaq Composite	22,902.89	4.68%	0.91%	-1.46%
Russell 2000	2,630.59	3.97%	3.24%	5.99%
S&P/TSX Composite	33,695.76	1.77%	1.28%	5.74%
Euro Stoxx 50	5,926.11	3.37%	4.24%	2.24%
FTSE 100	10,600.53	2.27%	1.81%	6.74%
DAX (Alemanha)	23.803.95	2.17%	-0.69%	-2.80%
CAC 40 (França)	8,259.60	3.49%	2.51%	1.35%
Nikkei 225 (Japão)	56,924.11	6.57%	4.93%	13.08%

Commodities	Valor (\$)	WTD	1 mês	YTD
Petróleo bruto (WTI)	96.19	-13.64%	15.26%	67.45%
Ouro	4,749.55	1.56%	-8.57%	9.80%
Prata	75.8859	3.97%	-14.26%	6.19%
Gás natural	2.65	-5.25%	-12.20%	-28.55%

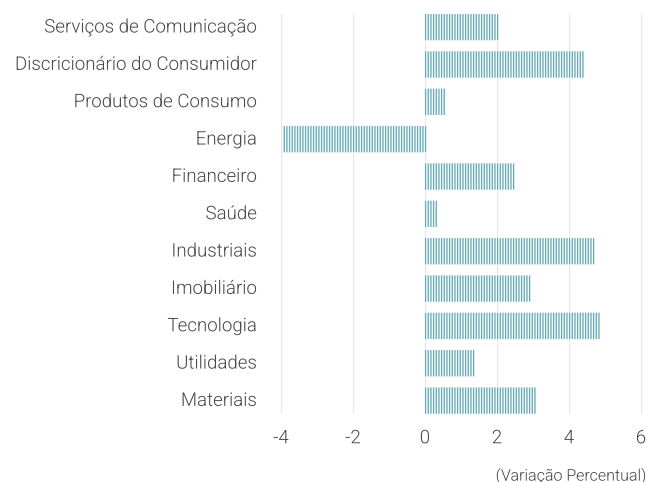
Renda Fixa	Rendimento	WTD	1 mês	YTD
Tesouro dos EUA a 2 anos	3.810%	-2.30	7.60	32.70
Tesouro dos EUA a 10 anos	4.340%	2.00	5.80	16.80
Bund alemão a 2 anos	2.609%	-0.78	15.26	47.58
Bund alemão a 10 anos	3.061%	6.55	7.52	20.10

(Variação em Pontos-Base)

Moeda	Valor	WTD	1 mês	YTD
Índice do dólar (DXY)	98.70	-1.28%	-0.13%	0.43%
EUR/USD	1.1730	1.85%	1.02%	-0.19%
USD/JPY	159.2760	-0.21%	0.77%	1.69%
GBP/USD	1.3468	2.06%	0.38%	-0.09%
USD/CAD	1.3841	-0.74%	1.93%	0.84%
USD/CHF	0.7892	-1.41%	1.36%	-0.37%
EUR/JPY	186.8260	1.66%	1.82%	1.49%
EUR/CHF	0.9257	0.38%	2.42%	-0.57%

Taxas Livres de Risco	1M	3M	6M	12M
CHF (SARON)	-0.05%	-0.05%	-0.05%	0.00%
EUR (EURIBOR)	2.00%	2.20%	2.45%	2.72%
USD (SOFR)	3.65%	3.67%	3.69%	3.69%
GBP (SONIA)	3.73%	3.74%	3.87%	4.09%
JPY (TORF)	0.79%	0.86%	0.95%	-

Desempenho Semanal do Setor do S&P 500



Impulsionadores do Mercado

Mercados dos EUA

Após semanas de perdas pesadas, as ações americanas finalmente tiveram um alívio. Um cessar-fogo de duas semanas entre os Estados Unidos e o Irã, combinado com a queda nos preços do petróleo, deu aos investidores espaço suficiente para impulsionar os mercados de forma significativa. O S&P 500 subiu 3,56% na semana, o Dow avançou 3,04% e o Nasdaq saltou 4,68%, o melhor desempenho semanal dos três desde novembro. A sexta-feira trouxe uma história um pouco diferente, com o S&P 500 e o Dow recuando levemente, enquanto o Nasdaq manteve um pequeno ganho, lembrando que a confiança voltou, mas ainda não está totalmente consolidada. A inflação contribuiu ao tom conflitante: os preços ao consumidor em março tiveram o maior salto em quase quatro anos, atribuídos principalmente aos custos de energia e combustível, embora a inflação básica tenha sido um pouco mais branda do que o esperado. Assim, os mercados passaram a semana divididos entre o alívio de que o pior do susto geopolítico pode ter passado e a preocupação com o impacto de um choque prolongado do petróleo sobre o Fed. No lado positivo, o dinheiro voltou a fluir: os fundos de ações dos EUA receberam US\$ 9,76 bilhões na semana até 8 de abril, quase o dobro da semana anterior, com tecnologia, industriais e setor de utilidade pública liderando.

Mercados Europeus

A Europa também teve uma semana melhor, embora o clima tenha sido mais contido do que comemorativo. O STOXX 50 registrou um ganho semanal de 3,37% e completou sua terceira semana consecutiva de alta. Grande parte do impulso veio das notícias do cessar-fogo e da possibilidade de avanços diplomáticos, que reduziram os temores de uma crise energética mais aguda. Ainda assim, a Europa sabe melhor do que ninguém o quão rápido as coisas podem mudar. A dependência da região de combustível importado mantém os mercados nervosos sempre que surgem tensões no Oriente Médio. Esta semana pareceu menos um rali confiante e mais um suspiro de alívio após descartar alguns dos piores cenários. Os fluxos de fundos confirmaram isso: os fundos de ações europeus atraíram US\$ 9,1 bilhões até 8 de abril, uma melhora significativa em relação à postura defensiva adotada nas semanas anteriores do conflito. Os números principais pareceram melhores e os fluxos de dinheiro também, mas a Europa continua sendo uma das regiões mais expostas caso os custos de petróleo ou transporte voltem a subir.

Mercados da Ásia-Pacífico

A Ásia-Pacífico teve uma das recuperações mais fortes entre todas as regiões nesta semana, o que faz sentido dado o impacto sofrido na fase inicial da crise. O índice MSCI Ásia-Pacífico amplo, excluindo o Japão, subiu 0,9% na sexta-feira e terminou a semana com alta de 7,3%, seu maior ganho semanal desde novembro de 2022. A recuperação refletiu a crescente confiança de que o conflito não produziria o tipo de choque energético prolongado que as grandes economias importadoras de combustível da região mais temiam. Também refletiu o quão agressivamente a Ásia havia sido vendida nas semanas anteriores. Somente em março, investidores estrangeiros retiraram US\$ 70,3 bilhões de ativos de mercados emergentes, o maior fluxo de saída desde os primeiros dias da pandemia em março de 2020, sendo US\$ 56 bilhões provenientes de ações, com a Ásia sofrendo o maior impacto. O quadro semanal, porém, foi mais encorajador: os fundos de ações asiáticos atraíram cerca de US\$ 2,0 bilhões até 8 de abril, sinal de que alguns investidores estão começando a reconstruir posições de forma cautelosa, já que os temores imediatos sobre transporte de petróleo e escalada diminuíram. A Ásia teve um forte rali de alívio nesta semana, mas continua altamente sensível a qualquer mudança na narrativa geopolítica ou nos preços da energia.

Mercados Emergentes

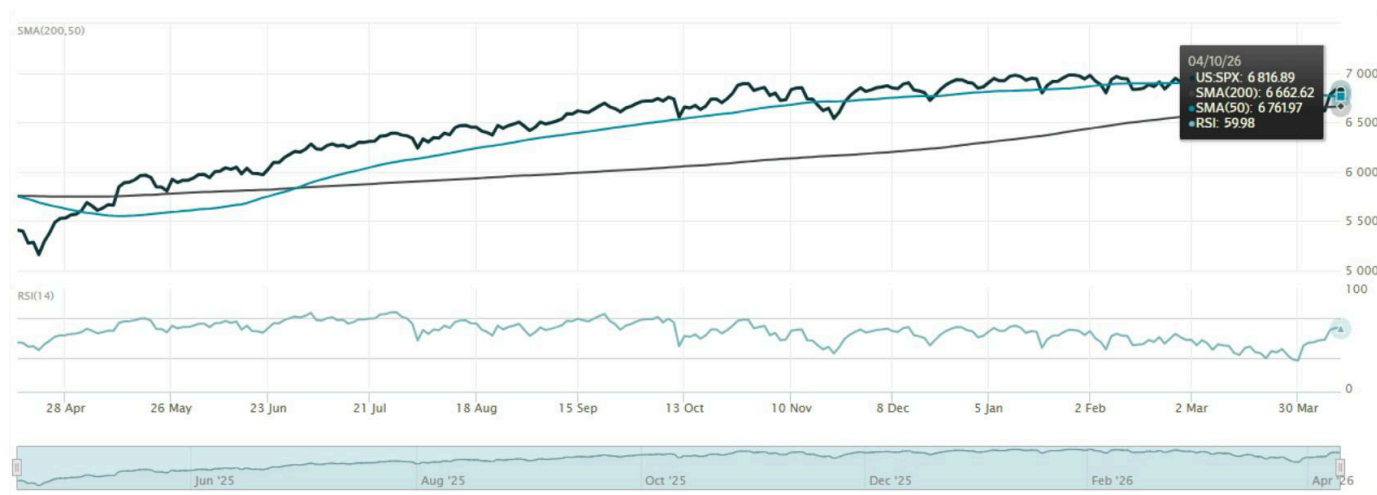
Os mercados emergentes se estabilizaram nesta semana, embora a recuperação ainda pareça desigual em vez de ampla. O cessar-fogo e as esperanças de diplomacia no fim de semana ajudaram a melhorar o sentimento, e os ganhos foram especialmente visíveis na América Latina, onde o índice MSCI de ações da região subiu 1,5% na sexta-feira, atingindo seu nível mais alto desde outubro de 2014. O índice de moedas da região também alcançou um recorde e registrou seu melhor ganho semanal desde fevereiro de 2024. Ainda assim, o quadro mais amplo dos mercados emergentes permanece frágil. Os US\$ 70,3 bilhões que saíram dos ativos emergentes em março representaram o maior fluxo mensal de saída desde o pânico da pandemia em 2020, com a maior parte das vendas concentrada em ações, particularmente na Ásia. O cenário de financiamento também se tornou menos favorável: investidores de portfólio agora respondem por cerca de 80% do financiamento da dívida dos mercados emergentes, um aumento acentuado nas últimas duas décadas, o que deixa muitas economias muito mais expostas a mudanças súbitas no apetite por risco, oscilações cambiais e custos de empréstimos mais altos. Assim, embora esta semana tenha sido claramente melhor do que a maior parte de março, a leitura honesta é que os mercados emergentes passaram de um estresse agudo para uma recuperação cautelosa e seletiva, com investidores ainda exigindo muito mais compensação pelos riscos que assumem do que no início do ano.

Atualização Técnica

O S&P 500 fechou a semana em 6.816,89, em sólida recuperação frente à fraqueza anterior, encerrando confortavelmente acima dos níveis pressionados no fim de março. Na segunda-feira, abriu em 6.587,66, caiu para 6.579,72 e avançou a 6.618,13 antes de fechar em 6.611,83, sugerindo a volta dos compradores após o estresse recente. A terça-feira teve avanço modesto: abriu em 6.601,93, bateu 6.618,26, recuou a 6.534,55 durante o dia e fechou em 6.616,85, deixando o mercado firme, mas sem superar grandes resistências. A quarta-feira foi a virada decisiva. O índice abriu em 6.754,36, atingiu 6.793,50, marcou mínima de 6.740,28 e fechou em 6.782,81. Foi a sessão mais forte da semana, rompendo claramente a área que antes limitava a recuperação. A quinta-feira ampliou o avanço: abriu em 6.783,69, subiu a 6.835,31, caiu a 6.761,55 e fechou em 6.824,66, confirmando o rompimento e elevando a faixa de negociação. A sexta-feira foi mais contida, mas positiva: abriu em 6.839,24, tocou 6.845,77, recuou a 6.808,46 e terminou em 6.816,89. Esse leve recuo final não mudou o cenário geral. A semana fechou bem acima da base inicial, em firme estrutura de alta. O principal suporte a observar está entre 6.805 e 6.825, que abrange a mínima e o fechamento de sexta, além da base mantida após o rompimento de quinta-feira. Abaixo disso, 6.760 a 6.785 é o suporte mais importante, englobando o recuo de quinta e o fechamento de quarta. Cair abaixo desse nível indicaria perda de força no rompimento, podendo levar o mercado a testar novamente patamares menores. Mais abaixo, 6.700 a 6.740 é o próximo suporte relevante, caso os vendedores devolvam o índice à faixa anterior. Na alta, a primeira resistência fica entre 6.840 e 6.860, concentrando a máxima de sexta e o limite do avanço semanal. Acima disso, 6.890 a 6.925 é o próximo alvo, seguido pela ampla zona de 6.960 a 7.000, caso os compradores sustentem o rompimento e estendam a recuperação.

Até sexta-feira, 43,42% das ações do S&P 500 operavam acima das médias móveis de 50 dias, contra 28,62% em 2 de abril. Essa melhora notável mostra que mais papéis participaram da alta, embora a amplitude geral do mercado ainda não esteja tão forte. A volatilidade caiu bastante, com o VIX fechando em 19,23. Esses dados indicam que o mercado retomou o controle técnico de curto prazo e reduziu os riscos, mas ainda precisa que mais ações subam para validar o movimento por completo. Em recuos, a área-chave a defender é 6.805 a 6.825, com 6.760 a 6.785 como suporte crítico e 6.700 a 6.740 como última defesa caso o ímpeto enfraqueça. Na alta, 6.840 a 6.860 é o primeiro teste, seguido por 6.890 a 6.925 e 6.960 a 7.000, se os compradores mantiverem o controle. Salvo nova queda abaixo da área rompida e piora na participação das ações, o tom do mercado passou de corretivo para cautelosamente otimista.

S&P 500: Média Móvel de 50 e 200 Dias



Fonte: WSJ

A Semana em Foco

A próxima semana traz uma agenda macroeconômica mais leve nos EUA, mas uma temporada intensa de balanços do primeiro trimestre. Investidores avaliarão se o mercado sustenta sua posição após um período de alta inflação, energia cara e incerteza geopolítica contínua. O foco recai nas vendas de casas usadas em março, inflação ao produtor, preços de importação e exportação, Livro Bege do Fed, pedidos de auxílio-desemprego e produção industrial, além dos balanços de Goldman Sachs, JPMorgan, Citigroup, Wells Fargo, Bank of America, Morgan Stanley, ASML, TSMC e Netflix. As vendas no varejo de março, previstas para quinta-feira, foram adiadas para 21 de abril, deixando o mercado dependente dos dados de inflação, indústria e comentários corporativos. A dúvida central é se os investidores assumirão mais riscos caso os balanços mostrem que o crescimento está apenas em leve desaceleração, e não em forte deterioração.

Na segunda-feira (13 de abril), a agenda começa com vendas de casas usadas de março e o relatório orçamentário do Tesouro. O Goldman Sachs divulga seu balanço antes da abertura. O setor imobiliário importa porque dados fracos reforçariam que os juros altos seguem travando a atividade. Já os números do Goldman ditarão o tom da semana, dando uma visão inicial sobre negociações, emissão de títulos, fluxo de negócios e engajamento de clientes num cenário macroeconômico adverso.

Na terça-feira (14 de abril), ocorre o primeiro grande teste macroeconômico. A inflação ao produtor de março sai às 10h30 (Horário de Brasília), dias após o IPC mostrar forte aceleração puxada por energia e gasolina. Se os preços ao produtor vierem altos, o mercado verá como sinal de que a inflação está se espalhando, complicando a política monetária. A safra de balanços ganha força com JPMorgan, Citigroup, Wells Fargo e Johnson & Johnson entre os principais nomes. Os bancos interessam não só pelos lucros, mas pelo que a diretoria dirá sobre demanda por crédito, inadimplência e a saúde financeira de consumidores e empresas neste cenário incerto.

A quarta-feira (15 de abril) pode ter mais peso do que o calendário sugere inicialmente. A agenda traz dados matinais de preços de importação e exportação de março, seguidos pelo Livro Bege do Fed à tarde. Nos balanços, destacam-se Bank of America, Morgan Stanley e ASML. O Livro Bege guiará o humor do mercado se indicar inflação persistente, contratações cautelosas ou queda na demanda. Já a ASML será monitorada pelo que revelará sobre a busca por equipamentos de semicondutores e a força dos investimentos em Inteligência Artificial.

A quinta-feira (16 de abril) será, possivelmente, a sessão mais agitada da semana. Pedidos semanais de auxílio-desemprego saem de manhã, seguidos pela produção industrial e uso da capacidade em março. Os balanços também merecem atenção, TSMC e Netflix são os destaques. A TSMC dará uma visão crucial da demanda global por semicondutores ligados à IA. Já a Netflix testará a resiliência dos consumidores em manter assinaturas e a tolerância do mercado a empresas de crescimento com múltiplos elevados.

A sexta-feira (17 de abril), em comparação, será mais tranquila, ideal para o mercado digerir a inflação ao produtor, pesquisas industriais regionais, números do mercado de trabalho, atividade industrial e a primeira grande leva de balanços do trimestre. Até lá, os investidores saberão se a melhora recente no humor do mercado tem base em fundamentos reais ou se corre o risco de reversão.

O sarrafo para uma retomada duradoura do apetite por risco segue alto. Porém, se os preços ao produtor não agravarem significativamente o cenário de inflação, os pedidos de auxílio-desemprego permanecerem contidos, a produção industrial se mantiver e os primeiros grandes balanços chegarem com projeções razoavelmente otimistas, os mercados podem ao menos ter base para argumentar que o cenário continua pressionado, mas ainda administrável. A semana não será sobre um único dado decisivo, mas sobre descobrir se os números, em conjunto, provam que o crescimento está apenas desacelerando, e não colapsando.